

ELEMENTOS SIMBÓLICOS DO CENTRO HISTÓRICO E DO NOVO CENTRO DE VITÓRIA – ES

LIDIANE ESPÍNDULA¹

¹ Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Espírito Santo. Mestrado no curso de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo (2014). Professora do Centro Univeristário UNIFACIG. espindulaprojetos@gmail.com

RESUMO

A partir da segunda metade do século XIX, grandes cidades no Brasil e o no mundo sofreram fortes intervenções em seu espaço urbano, modelado pelo capitalismo. Esse processo também pôde ser percebido na cidade de Vitória (ES), principalmente a partir da segunda metade do século XX, quando da transição do centro da cidade para outras regiões. Este artigo explana sobre as características dos antigos centros urbanos das grandes cidades, como também de Vitória, discutindo sobre os elementos arquitetônicos simbólicos, signos e linguagens característicos e os compara com os novos centros urbanos. A partir de pesquisas bibliográficas e visitas *in loco* para levantamento de dados das regiões estudadas, essa alegoria tem como objetivo compreender quais as simbologias do centro histórico da cidade e quais os novos elementos que vêm surgindo na transição desse espaço e que agora o configuram, ou seja, quais as novas imagens produzidas, seus signos e suas mensagens. Conclui-se que o centro histórico de Vitória possui valor afetivo e simbólico, porém há uma crescente valorização da imagem de uma paisagem homogeneizada, característica do mundo moderno, encontrada no novo centro da cidade, com inexistência de um simbolismo particular, individual, diante de paisagens globalizadas.

Palavras-chave: Capitalismo; Globalização; Paisagem Urbana; Simbolismo Urbano.

SYMBOLIC ELEMENTS OF THE HISTORICAL DOWNTOWN AND THE NEW VITÓRIA DOWNTOWN - ES

ABSTRACT

From the second half of the nineteenth century, large cities in Brazil and in the world suffered strong interventions in their urban space modeled on capitalism. This process could also be noticed in the city of Vitória (ES), mainly from the second half of the XX century, when the transition from downtown to other regions. This article explores the characteristics of the old urban centers of the big cities, as well as of Vitória, discussing the symbolic architectural elements, signs and characteristic languages and compares them with the new urban centers. Based on bibliographical researches and on-site visits to collect data from the studied regions, this allegory aims to understand the symbologies of the historical center of the city and what new elements are emerging in the transition of this space and that now make up, or the new images produced, their signs and their messages. It is concluded that the historical center has affective and symbolic value, but there is a growing appreciation of the image of a

homogenized landscape characteristic of the modern world, found in the new center of the city, with no particular symbolism, individual, in front of globalized landscapes.

Keywords: Capitalism; Globalization; Cityscape; Urban Symbolism.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história das cidades, percebeu-se que a proximidade ao centro das cidades foi valorizada pelas classes dominantes e pelas elites urbanas, na maioria das cidades do mundo. A história das cidades pode ser dividida em dois períodos e a do primeiro é marcada pela intervenção significativa do Estado e da Igreja no espaço urbano, principalmente no período dos séculos XVII, XVIII e início do século XIX. No segundo período, a característica das cidades é tipicamente capitalista e se formou a partir da segunda metade do século XIX, momento em que o espaço urbano de grandes e importantes cidades foi modelado pelo mercado imobiliário e sob o impacto do automóvel (VILLAÇA, 1993).

No Brasil, somente algumas cidades foram concebidas dentro desse contexto tipicamente capitalista, como Londrina, Campo Grande e outras do sul do país. Diante desse contexto histórico, a cidade de Vitória, capital do Espírito Santo, foi concebida dentro do primeiro período e, a partir da segunda metade do século XX, sua ocupação faz parte do segundo período, capitalista, uma realidade não somente de Vitória, mas de grandes cidades do Brasil e do mundo (VILLAÇA, 1993).

Segundo Teixeira (1998), nas cidades brasileiras, principalmente a partir do final do século XIX, e na cidade de Vitória ao longo da primeira metade do século XX, houve a necessidade de representação de um imaginário no espaço da cidade, ou seja, esse período foi marcado pela incidência sobre o espaço urbano de forças de natureza econômica, social e política que impuseram uma reestruturação das cidades com o objetivo de se construírem espaços representativos do progresso ansiado e da nascente sociedade burguesa. Esse imaginário é a representação do que as sociedades construíram delas mesmas, como modernas e progressistas, transpostas para o espaço, a fim de que esse comportasse uma nova imagem de desenvolvimento.

No início do século XXI, as cidades tendem a se inovar para se alinhar à economia globalizada, desenvolvendo novas infraestruturas e atraindo novas e distintas atividades. Para tal, as cidades têm sofrido processos de reurbanização constantes, transformando-se e modernizando-se a todo o momento. A velocidade dessa transformação tem como

consequência, muitas vezes, a perda gradual da sua identidade, do seu simbolismo representativo. Os habitantes perdem o referencial, podem deixar de reconhecer seu espaço, seus elementos, suas construções, ruas, paisagens, hábitos e costumes, comportamentos que estão incluídos na memória do lugar, uma vez que as cidades, muitas vezes, vêm se submetendo à homogeneidade do mundo modernizado, com a inexistência de um simbolismo particular, individual, diante de paisagens globalizadas.

Dentro desse contexto, o presente artigo aborda sobre os elementos simbólicos dos antigos centros urbanos e sobre a transição para os novos centros, discutindo sobre os signos e as linguagens pré-existentes e sobre a existência de novos símbolos. Para tal discussão, o enfoque é dado na cidade de Vitória, uma vez que possui um antigo centro carregado de simbologia e um novo centro em processo acelerado de desenvolvimento.

A metodologia adotada busca obter resultados qualitativos por meio de levantamentos bibliográficos que discutam o assunto em questão, além de levantamentos feitos *in loco* nos bairros estudados, com registros fotográficos e análises de imagens aéreas.

2 BREVE HISTÓRICO DO CENTRO DE VITÓRIA

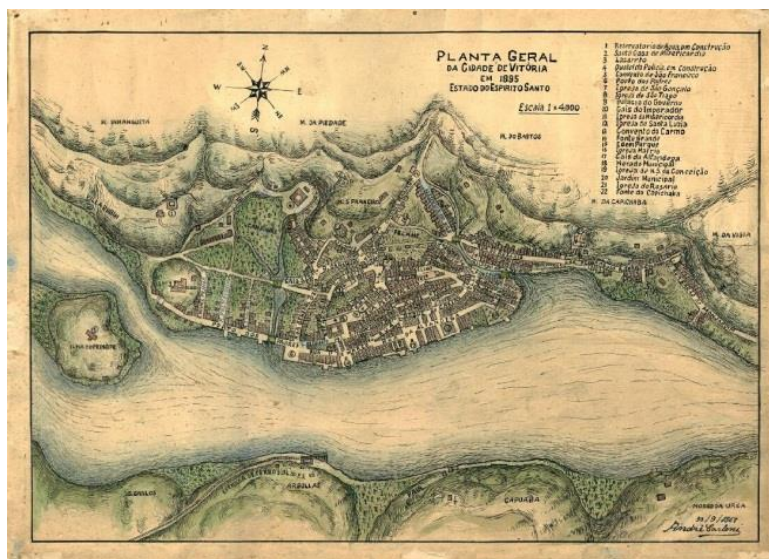
Na construção do espaço urbano, diversos aspectos são envolvidos, como sociais, econômicos, geográficos, culturais, entre outros que caracterizam e estruturam uma sociedade. O espaço urbano do período que abrange os séculos XVII, XVIII e início do século XIX foi produzido por uma classe elitizada e por um Estado que objetivava enaltecê-la. Dentro desse período, o Estado produziu espaços urbanos com fortes cargas ideológicas e carregadas de símbolos.

No litoral brasileiro a ocupação e a implantação do território se deram da defesa das terras. Segundo Souza e Ribeiro (2009), as vilas e as cidades colonizadas pelos portugueses não seguiram um projeto e sim referências simbólicas do urbanismo lusitano e da Europa cristã para garantir a posse e a defesa. Uma vez que Vitória se encontra no litoral do Brasil, a implantação seguiu a mesma lógica e o núcleo urbano foi planejado de acordo com os princípios da engenharia militar, adotando as inovações técnicas e científicas do Renascimento.

Vitória foi implantada sobre um platô (ILUSTRAÇÃO 01) que proporcionou a defesa da cidade. A partir dessa implantação foram construídos templos que originaram os primeiros caminhos (ILUSTRAÇÃO 02), ruas e elementos simbólicos e morfológicos da cidade. Além

dos templos e das igrejas, outros elementos arquitetônicos simbólicos caracterizavam e ainda caracterizam as cidades históricas e, diretamente, os antigos centros urbanos em Vitória e diversas grandes cidades. Dentre esses estão as praças, os edifícios institucionais, os monumentos, os comércios, as moradias, bem como espaços destinados às manifestações culturais, como os teatros. Muitos dos elementos compõem a morfologia da cidade, em que a forma está conectada ao desenho, ou seja, linhas, espaços, volumes, planos e cores.

ILUSTRAÇÃO 01 – Planta geral do município de Vitória – período colônia, 1860.



Fonte: VITÓRIA, 2018

ILUSTRAÇÃO 02 – Catedral Metropolitana de Vitória



Fonte: VITÓRIA, 2018

O Estado e a Igreja, no período colonial, foram os principais agentes na configuração morfológica da cidade de Vitória. A Igreja, segundo Souza e Ribeiro (2009), definiu aspectos singulares à sua morfologia. Em Vitória, como na maior parte das cidades do Brasil colonial:

Observa-se que o espaço público foi fundamentalmente conformado pelas instituições religiosas, são elas que estabeleceram os limites da cidade, influenciaram o traçado de suas ruas e praças, impuseram uma hierarquia nos percursos viários e investiram de significados simbólicos os ambientes e os artefatos da topografia urbana. Esta construção de significados não se fez sem a ajuda do ritual, foi ele o principal responsável por esta imensa construção de subjetividade em que se constituiu a formação cultural da religião no ocidente (SOUZA e RIBEIRO, 2009, p.17).

Outro elemento marcante e caracterizante dos grandes centros históricos é o comércio. Porém, segundo Vargas e Castilho (2009), em um contexto internacional, em meados do século XVIII, na França, a cidade deixa de ser um lugar de mercado e passa a representar também um lugar de produção. O aparecimento de uma população operária gera revoltas de subsistência e urbana e a plebe e a burguesia iniciam conflitos que culminam na Revolução Francesa. O medo urbano passa a ser presença forte nas cidades, cujas novas atividades econômicas, além do desenvolvimento dos transportes (trem, navio a vapor) produziram um crescimento populacional enorme. Esse medo urbano, ou pânico urbano, deu-se pelo amontoado de casas e pessoas e, dada a falta de saneamento, às epidemias e infecções, surgiram os primeiros planos de renovação urbana, para a chamada “higienização”, como exemplo a cidade de Paris (Plano de Haussmann), onde foram abertas largas avenidas destruindo grande parte da estrutura existente.

A existência dessas largas avenidas proporcionou o uso da perspectiva para a criação de pontos de fuga com o objetivo de direcionar o olhar para grandes edificações históricas. Em Paris, essa nova adequação proporcionou tal resultado e, em outras grandes cidades, a criação de grandes e largas avenidas foi dada com tal objetivo, sendo menos uma via de transportes passando a ser uma oportunidade de enaltecimento do poder político pelo espaço urbano, uma vez que os pontos de fuga, geralmente, levam o olhar às edificações institucionais e monumentais.

A perspectiva, segundo Villaça (1993), desenvolveu-se no Renascimento e seu ápice se deu entre o final do século XVII (Versalhes, Monstra) e meados do século XIX (Paris de Haussman) passando por Washington em 1793, por meio da Pierre L’Enfant. O humanismo do Renascimento utilizou da perspectiva vertical para enaltecer Deus, a partir das altas

cúpulas das igrejas erigidas na época.

No Brasil, na virada do último século, a ideia de progresso tornou-se sinônimo de desenvolvimento econômico e cultural. Assim como ocorreu em Paris e em grandes cidades, as características da urbanidade colonial, a insalubridade e a precariedade na infraestrutura das cidades brasileiras eram vistas como impedoras de uma “boa imagem” da cidade. Assim, modernizar as cidades significava “europeizar” e mais do que construir uma “cidade/sociedade moderna”, importava construir uma imagem de uma “cidade/sociedade moderna” (TEIXEIRA, 1998). Esse objetivo de “embelezamento” da cidade vinha da intenção de modernizar a estrutura urbana e a nova construção da cidade se deu (e se dá) carregada de diversos signos relacionados ao poder e ao pertencer a uma determinada evolução social. Segundo Prado (2004), em busca da valorização da imagem da cidade como “vitrine da civilização”, o desenho urbano e a arquitetura estabeleceram modificações concretas no espaço público, por meio de um cenário de teatralização da modernidade. Dentro dessa realidade, um novo centro foi estabelecido também para a cidade de Vitória a partir dos aterros realizados no final do século XX, ou seja, a partir dos novos vazios urbanos determinados.

3 O NOVO CENTRO DE VITÓRIA

As cidades que se formaram a partir da segunda metade do século XIX são tipicamente capitalistas e o espaço urbano é mais modelado pela globalização e pelo mercado imobiliário. Dentre todos os centros urbanos da história humana, o centro urbano atual é o único que não enaltece nem Deus nem o Estado e segundo Harvey, “a dificuldade sob o capitalismo - dada a sua inclinação para a fragmentação e efemeridade em meio aos universais da monetização, do intercâmbio de mercado e da circulação do capital- é encontrar uma mitologia estável, que exprima seus valores e sentidos inerentes” (HARVEY, 1998, p.13).

Os valores atuais que norteiam a construção das grandes cidades estão, muitas vezes, baseados no dinheiro, na mercadoria, na iniciativa privada e no capital, elementos da globalização. Esses são abstratos e pouco simbólicos, ou seja, ausentes de valor histórico. O consumo começa a ser usado simbolicamente e os *shoppings centers* passam a ser chamados de “catedrais” da cidade moderna, porém esses, normalmente, não estão nos centros das novas cidades, como é o caso da cidade de Vitória.

A globalização nas grandes cidades, por meio da “construção do capitalismo”, começa

a fazer uso simbólico dos arranha-céus que passam a significar o “moderno” e o “progresso”, porém seu significado é pouco relevante, comparado aos grandes monumentos das cidades pré-capitalistas dos séculos XVIII e XIX.

De acordo com Lamas (1993), a forma deve se relacionar à função para permitir o desenvolvimento das atividades que nela processam. Nesse sentido, percebe-se que uma fábrica é diferente de uma casa e um copo de uma garrafa. Na era do movimento moderno, os arquitetos eram funcionalistas, a função deveria assumir uma feroz ditadura sobre a forma. Melhor utilização possível do edifício, funcional vira sinônimo de qualidade. A globalização, que começou também por meio de um processo de informatização, muda o conceito da cidade, de destino final e permanência para lugar dos fluxos.

Diante desses novos elementos que configuram a nova cidade, o centro histórico passa a ser abandonado, principalmente ao longo do século XX no Brasil. Isso se deu também pela interpretação de características dadas ao centro histórico, como velho, congestionado, poluído, abandonado. O centro histórico foi ocupado pela população mais “pobre” e o centro novo, visto como moderno, dinâmico e menos poluído passa a ser ocupado pela classe econômica com maior poder aquisitivo. Porém, entende-se que a deterioração foi efeito e não causa de tal processo.

A exclusão é resultado da inversão na valorização do solo que, atualmente, dá-se por meio de uma arquitetura cenográfica, no qual os novos espaços desconsideram, muitas vezes, o antigo habitante. O resultado está em paisagens urbanas repetitivas que podem ser encontradas em diversos locais espalhados pelo mundo.

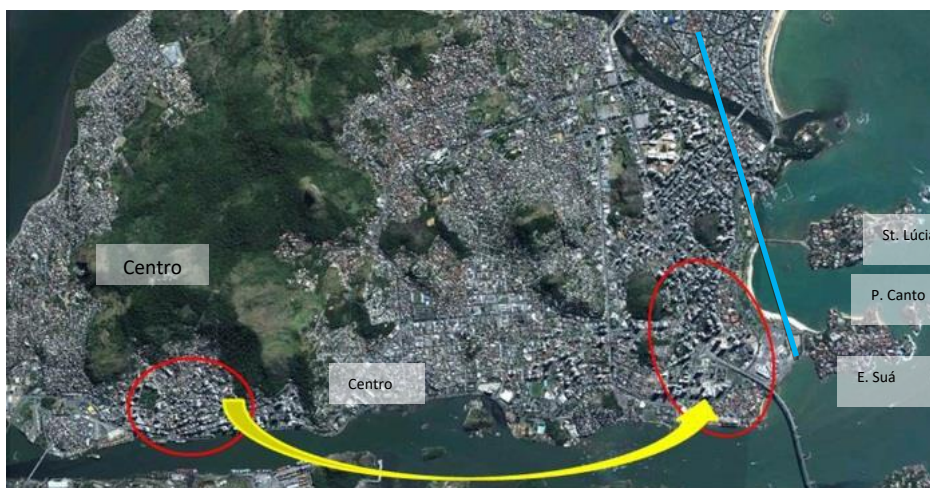
No contexto da cidade de Vitória, principalmente a partir do final do século XX, a modernização que transformou a arquitetura privilegiou os espaços ligados ao poder em espaços de convívio e moradia da burguesia, ou de interesse imobiliário, muitas vezes desconsiderando os elementos simbólicos e atividades do espaço com o objetivo de um princípio estético de construir um cenário esteticamente belo no qual a sociedade pudesse, dessa forma, fazer parte de um contexto globalizado.

No final do século XX, iniciou-se um declínio do centro tradicional de Vitória e a evolução do centro de negócios para a região da Avenida Nossa Senhora da Penha (em azul na ILUSTRAÇÃO 03), principalmente na região dos bairros Santa Lúcia e Praia do Canto. Essa região se tornou o foco principal de interesse imobiliário na capital capixaba e a verticalização um símbolo para a região, contribuindo para inserir modificações significativas na paisagem.

A ocupação da região da Praia do Canto e dos bairros adjacentes se deu a partir do projeto do novo arrabalde de Vitória, de 1896, do engenheiro sanitaria Saturnino de Brito. Tal projeto urbanístico corresponde à primeira proposta de expansão projetada para a cidade de Vitória e demonstrou um grande avanço na modernização da cidade e “corresponde à intenção de neutralizar a imagem colonial de Vitória a partir do contraste estabelecido” (MENDONÇA, 2006, p.6).

A partir da análise de documentações referente ao projeto de urbanização realizado por Saturnino de Brito, pode-se identificar que o foco principal estava sempre ligado à solução de problemas relacionados à insalubridade que envolvia o município e também acerca da valorização da paisagem natural existente, tanto em Vitória quanto nos municípios vizinhos, como o mar e as cadeias montanhosas, principalmente. O objetivo era caracterizar uma nova paisagem por meio do um novo traçado das vias. Em toda a documentação analisada, não foram encontrados registros acerca da motivação na criação de um novo centro na região. Tal motivação se deu posteriormente, a partir da disponibilidade de vazios urbanos criados, ocupados por grandes construtores.

ILUSTRAÇÃO 03 – Imagem aérea do Município de Vitória/ES: O antigo centro da cidade (Centro Histórico) e o novo centro (Enseada do Suá).



Fonte: GoogleMaps, 2018. Marcações da autora.

Uma característica marcante da nova área projetada e loteada foi a nova forma de construção no lote, com edificações no centro do terreno, afastadas das divisas do lote, circundadas de jardins. Tal configuração se deu devido ao novo momento histórico da arquitetura e também à intenção de Saturnino de Brito de valorizar a visualização para o

Morro e Convento Nossa Senhora da Penha, marco histórico localizado após mar, no município de Vila Velha (ILUSTRAÇÃO 04).

ILUSTRAÇÃO 04 - Av. Reta da Penha – imagem atual



Fonte: VITÓRIA, 2018

No mesmo período, o novo centro também se estendeu para a região da Enseada do Suá (ILUSTRAÇÃO 03). Tal extensão se deu devido a um novo aterro na cidade, dessa vez realizada pela empresa Companhia de Melhoramentos e Desenvolvimento Urbano (COMDUSA). De acordo com pesquisa realizada por Freitas e Oliveira (2009), o objetivo do aterro foi a urbanização da Enseada do Suá para a criação de novas áreas residenciais para a implementação de praia e avenida litorânea, bem como para ocupação com atividades comerciais e de serviço para uso da população. Além disso, o documento do projeto de urbanização indica um discurso sobre a preocupação na valorização dos aspectos paisagísticos do local, por meio do controle da ocupação do solo e dos índices urbanísticos, destinação de grande parte da área para implantação de áreas verdes, além de propostas para uma tentativa de preservação das visuais paisagísticas do bairro.

Porém, ainda segundo os autores, com o interesse por parte do empresariado na época, diversas alterações foram feitas no projeto, sendo o uso modificado, assim como a tipologia construtiva. Tais modificações foram feitas pela própria COMDUSA, antes mesmo da execução das obras e estas foram aprovadas pela Prefeitura por meio do Memorial Descritivo do projeto, que registra as alterações de uso a áreas destinadas a espaços verdes.

Posteriormente, outras alterações quanto aos usos e gabaritos também foram feitas pela Prefeitura a partir dos Planos Diretores - instrumentos de política urbana destinados a organizar o planejamento das cidades - aprovados em 1984, 1994 e 2006. No Plano de 1984 (Lei nº 3158), a região passou a ser considerada uma zona institucional, na expectativa de se criar um novo centro para a cidade, uma vez que o centro histórico da cidade já era apresentado como “confuso e congestionado” com as vias da cidade não comportando o fluxo de pessoas e veículos.

Na mesma Lei é proposta a estruturação de uma Zona Institucional no aterro da Enseada do Suá, transformando-o em um ponto irradiador, de forma a criar outro centro diferente daquele do núcleo original de ocupação de Vitória, que constitui sua área central. Para tal, divide o bairro em várias zonas de uso, incluindo área a ser destinada a lazer.

No PDU subsequente, Lei nº 4167 (1994), as alterações mais consideráveis, quando comparadas com a Lei anterior de 1984, são referentes ao uso comercial local. Esta inclusão de uso atraiu para a região um conjunto empresas que reforçou o caráter de novo centro instituído para o local e, posteriormente, com a construção da Ponte Deputado Darcy Castello de Mendonça (Terceira Ponte), o bairro Enseada do Suá passa a ser um centro irradiador da cidade ao promover a ligação de Vitória com os municípios da Grande Vitória.

Atualmente, o bairro Enseada do Suá concentra grande parte dos edifícios institucionais edificadas em novos exemplares arquitetônicos que mudam a imagem da cidade (ILUSTRAÇÃO 05), muitos dos novos símbolos do poder e do prestígio destas que recorrem do volume da construção e à arquitetura como demonstração de poder. Esta é a nova cidade globalizada, a verticalização da metrópole, o sítio escolhido pelo capital para um novo circuito de valorização, em que o alto gabarito das novas edificações não vai de encontro com a escala humana, prejudicando o relacionamento entre homem e espaço, entre habitante e cidade.

ILUSTRAÇÃO 05 - Vista atual do bairro Enseada do Suá

Fonte: VITÓRIA, 2018

4 OS DOIS CENTROS E SEUS SÍMBOLOS

Como mencionado, nos centros históricos das grandes cidades, principalmente das cidades de colonização portuguesa no Brasil, é possível identificar a grande relação desses com as instituições religiosas. A igreja foi responsável por estabelecer a organização da cidade e impôs uma hierarquia viária a partir de suas edificações, contribuindo para a concepção de elementos simbólicos nas cidades.

Isso também ocorreu em Vitória que, além dos templos e das igrejas, iniciou seu processo de colonização carregado de outros elementos arquitetônicos simbólicos que caracterizavam o centro histórico, como as praças, os edifícios institucionais, os comércios, as moradias, os monumentos, os teatros, entre outros. Todos esses elementos ajudaram e ajudam a criar uma memória ligada ao Centro, memória essa capaz de criar referências na cidade, memória carregada de valor simbólico não só em relação à estrutura física, mas principalmente à estrutura emocional dos cidadãos.

Fazendo um paralelo com os novos centros, é possível dizer que todo o poder da Igreja passa a ser transferido para o dinheiro, ou seja, atualmente o uso e a ocupação do solo dos novos centros são tipicamente capitalistas, como diz Harvey (1998), onde a cidade não enaltece Deus nem o Estado e sim é modelada pela globalização e pelo mercado imobiliário. As construções atuais das grandes cidades estão, de forma crescente, baseadas no dinheiro, na mercadoria e no capital. Tais atores atuais no desenvolvimento da cidade não se pautam na

cidade histórica, uma vez que essa é carregada de valores simbólicos distintos, relacionados à memória do lugar.

De forma mais direta, analisando o centro histórico de Vitória, comparando com o novo centro da cidade, localizado na Avenida Nossa Senhora da Penha e no bairro Enseada do Suá, é possível identificar que os elementos simbólicos são bastante distintos. O centro histórico é marcado por ruas estreitas e edificações que ocupam toda a área do lote, muitas vezes sem qualquer tipo de afastamento de seus limites. O novo centro é marcado por uma nova construção, que desloca a edificação dos limites do lote e essa, muitas vezes, é circundada de jardins.

É possível observar, também, a inexistência, no novo centro de Vitória, de diversos elementos que configuram o centro histórico. A Igreja possui presença marcante na ocupação do centro “antigo”, sendo referência histórica e direcional. No novo centro, a presença da Igreja não é fundamental e ela deixa de ser uma referência. Tal fato se dá pela transferência, como exposto, da desvalorização das instituições religiosas na nova configuração das cidades para o mercado capitalista.

Além da igreja, é possível identificar a ausência de espaços públicos representados por praças, teatros e monumentos no novo centro urbano. Analisando a Avenida Nossa Senhora da Penha e o bairro Enseada do Suá, esses elementos simbólicos do centro histórico são insignificantes e passam, muitas vezes, despercebidos pela população, deixando de ser referência. Na região da Avenida Nossa Senhora da Penha, inclusive, é inexistente a presença de teatros e monumentos significativos (exceto pelo próprio Convento da Penha, localizado na linha de visão da avenida) e as praças são em menor escala, comparadas com a amplitude da região. No bairro Enseada do Suá, a Praça do Papa (ILUSTRAÇÃO 06) é um elemento marcante, porém foi edificada posteriormente à ocupação principal do bairro (inaugurada em 2006), ou seja, não está relacionada à memória e à história do bairro e não se configura em um local de lazer e encontro dos habitantes e visitantes e sim em um local utilizado apenas para eventos ocasionais. O mesmo acontece com o museu e teatro que está em processo de construção (Cais das Artes, do arquiteto Paulo Mendes da Rocha). Uma vez que o bairro se encontra praticamente consolidado, essa nova edificação não se relaciona com a sua história e não se apresenta, ainda, como um elemento simbólico da região.

ILUSTRAÇÃO 06 – Vista panorâmica da Praça do Papa, 2018.



Fonte: a autora.

O comércio também se configura como um elemento marcante do centro histórico e referência forte ainda nos tempos atuais. O novo centro de Vitória é marcado pela presença de estabelecimentos comerciais, o que assemelha a nova região ao centro “antigo”. Na região da Enseada do Suá, comércio também é referência, porém, na Avenida Nossa Senhora da Penha, ele é localizado, principalmente, dentro de galerias em grandes edifícios e na Enseada é concentrado no *Shopping Center*, bem característico da cidade capitalista, dita moderna.

É possível perceber que os elementos simbólicos dos dois centros estudados são distintos, principalmente em relação à sua concepção. O novo centro não está, muitas vezes, relacionado à história do lugar e sim ao capitalismo que é marcado pela verticalização por meio de arranha-céus que se tornaram símbolos do mesmo. Na construção do novo centro, o interesse imobiliário transforma os elementos simbólicos relacionados à história e à memória no princípio estético da construção de um cenário “belo” para a sociedade fazer parte de um contexto globalizado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto nas áreas centrais a questão da preservação histórica se mantém, nas demais a busca pelo novo e pelo inusitado passa a ser o campo fértil para as experiências arquitetônicas, restringindo-se ao centro a história da cidade. Atualmente, a cidade valoriza a imagem, a estética, a maquiagem e não mais o contexto social e vem se submetendo a uma paisagem homogeneizada característica do mundo moderno, com a inexistência de um simbolismo particular, individual, diante de paisagens globalizadas.

O centro “velho” continua tendo um grande valor afetivo, cultural e simbólico para a maioria da população, porém, hoje, esse centro é da maioria e não mais da minoria burguesa

da cidade. Para manter sua posição de poder, a burguesia não pode abandonar completamente o centro que, para ela, não possui tanto valor. Assim, o Estado faz obras no centro e, ao mesmo tempo, abandona-o, destinando a maioria dos poderes municipais e estaduais para os novos edifícios do novo centro globalizado que o mercado imobiliário.

Durante todo o desenvolvimento deste artigo, não se buscou exaurir os assuntos referentes aos elementos simbólicos dos centros históricos e dos novos centros de grandes e importantes cidades. Outros agentes modeladores do espaço das cidades poderão ser pesquisados mais profundamente a posteriori. O objetivo atingido aqui se limitou a levantar o simbolismo que compõe as cidades ao longo da trajetória histórica, principalmente relacionado à cidade de Vitória.

6 REFERÊNCIAS

CASTILHO, A. L. H.; VARGAS, Heliana C. **Intervenções em Centros Urbanos: Objetivos, Estratégias e Resultados**. Rio de Janeiro: Ed. Manole, 2009.

FREITAS, J. F; OLIVEIRA, A. N. Aterro e proposta de ocupação para a Enseada do Suá: 1970 – 2009. Pesquisa (Iniciação Científica) – **Núcleo de Estudos de Arquitetura e Urbanismo – NAU**, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Editora Loyola, 1998.

LAMAS, José M. R. Garcia. Morfologia Urbana e Desenho da Cidade. Lisboa: Fundação Colouste Gulbenkian - **Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica**, 1993.

MENDONÇA, Eneida M. S. Mudança na paisagem de Vitória (ES) pelo projeto de Saturnino de Brito – argumentos metodológicos para análise e construção da paisagem. (Artigo) In: **Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. São Paulo, 2006.

PRADO, Michele Monteiro. A modernidade e seu retrato: imagens e representações das transformações da paisagem urbana de Vitória (ES) – 1890/1950. In: **Cadernos PPG-AU/UFBA**, vol. 3, n. 1, 2004.

SOUZA, Luciene P.; RIBEIRO, Nelson P. (org.). **Urbanismo colonial: vilas e cidades de matriz portuguesa**. Rio de Janeiro: POD Editora, 2009.

TEIXEIRA, Flávio W. Cenários de modernidade no recife de princípios do século. In: **V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo: Cidades – temporalidades em confronto**, Campinas, 1998.

VILLAÇA, Flávio. **A produção e o uso da imagem do centro da cidade: o caso de São Paulo**. São Paulo: FAU, 1993.

VITÓRIA. **Imagens da cidade.** Disponível em: <<http://legado.vitoria.es.gov.br>>. Acesso em: 25 set. 2018.

VITÓRIA. **Lei nº 3158, de 10 de fevereiro de 1984.** Secretaria Municipal de Planejamento/PMV, Vitória, 1984.

VITÓRIA. **Lei nº 4167, de 27 de dezembro de 1994.** Secretaria Municipal de Planejamento/PMV, Vitória, 1994.